

César Vieira é o novo chefe da OSTNCS

Uma das prioridades é definir se a Orquestra Sinfônica mantém a autogestão ou parte para a escolha de um regente fixo

Acácio Pinheiro

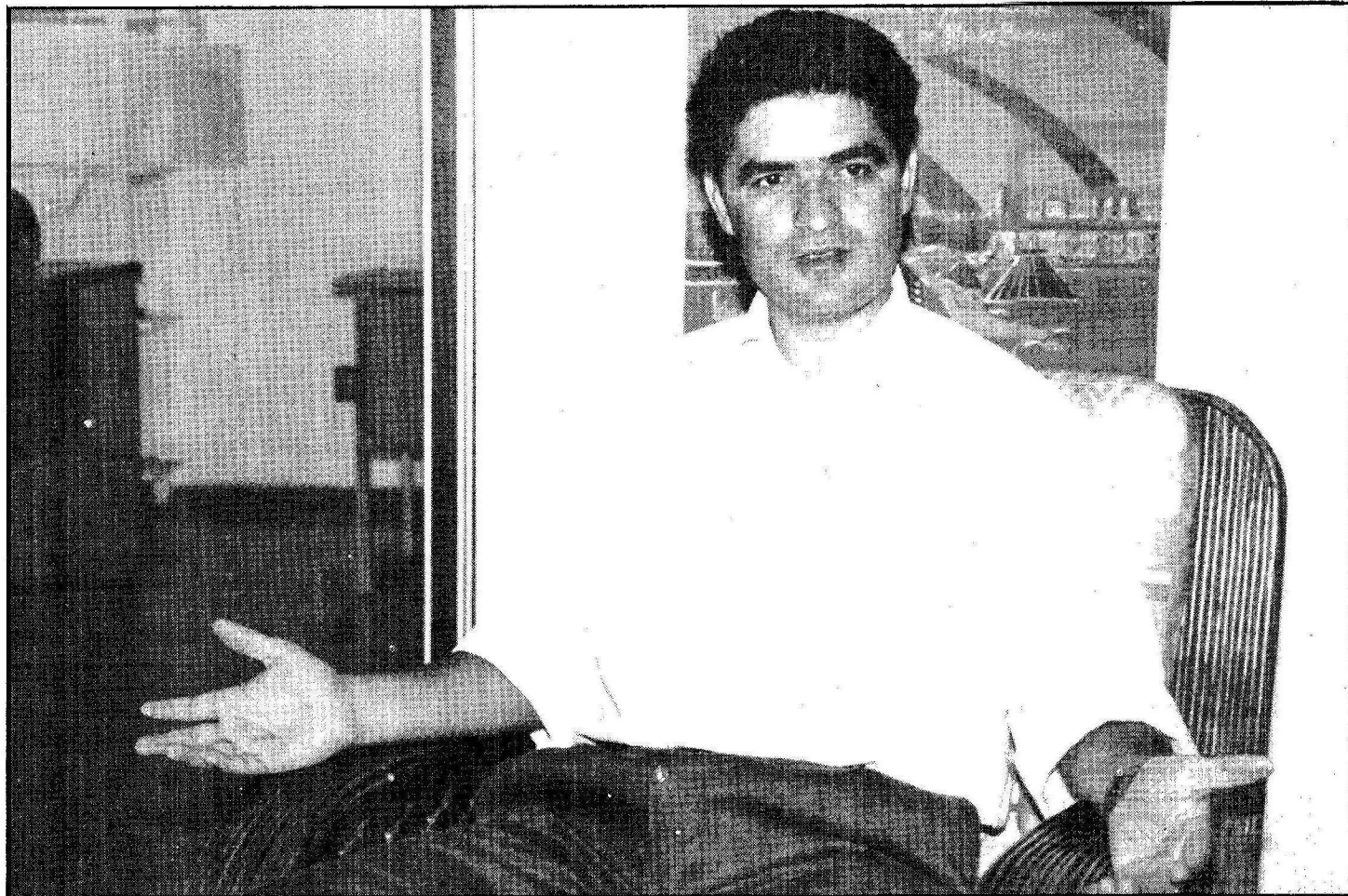
PAULO PANIAGO

O novo chefe da orquestra Sinfônica do Teatro Nacional conhece por dentro os mecanismos de seu funcionamento de longa data. César Vieira era presidente da Comissão da orquestra e acaba de ser reeleito para esse cargo para os próximos dois anos. Vai acumular as duas funções, além de ser também o responsável pela programação artística da orquestra. A última vez que alguém ocupou o cargo de chefe da orquestra foi durante o período em que Sílvia Barbato era regente — o cargo naquela época era do maestro. Vieira, o novo chefe, está entusiasmado com o cargo e o assume com muitos projetos.

"Vamos ter que rediscutir três pontos importantes e básicos para esse ano", diz. "Em primeiro lugar, a reestruturação do quadro administrativo. Depois, se vamos continuar no sistema de autogestão ou se vamos ter um maestro e, por fim, a discussão sobre o concurso, em que bases ele vai ser realizado". Na opinião do novo chefe da orquestra, a mudança no quadro administrativo é fundamental para a realização do concurso, que pretende elevar o número de 56 músicos para 122. "Tenho aqui três ou quatro pessoas que me ajudam", argumenta Vieira. "Imagine ter um número elevado de músicos sem uma infra-estrutura que possa comportá-los, é inviável".

A autogestão foi decidida depois das experiências da orquestra com os maestros Sílvia Barbato e Júlio Medaglia, esse último um talento intempestivo que se declarou vítima da burocracia brasileira. Um dos maestros convidados para reger a orquestra no semestre passado, Nelson Nirenberg, foi aclamado pelos músicos e tentou-se efetivá-lo como regente definitivo. Ninguém comenta, mas ele era amigo pessoal do ministro Ricupero e depois que esse caiu do cargo a contratação de Nirenberg foi posta na geladeira por uns tempos.

Autogestão — César Vieira não descarta completamente a possibilidade de não só a orquestra decidir pelo fim



Responsável pela programação e presidente da Comissão da Orquestra Sinfônica, César Vieira passa a acumular o cargo de chefe da OSTNCS

da autogestão como ainda ter o próprio Nelson Nirenberg na regência. "Isso será decidido pela assembleia que a orquestra terá no início da temporada, dia 6 de março", pondera. Mas se programou para a tendência de manutenção da autogestão, e trava contatos com regentes e solistas. Helena Errera, cubana, maestro Giraldo e o turco Erol Erdinç são os regentes internacionais. Henrique Morelenbaum e Norton Morozowicz são alguns dos nomes brasileiros com os quais a orquestra já trabalhou com bons resultados.

Uma boa notícia para os fãs da orquestra é a nova data das apresentações nobres (na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional), às sextas-feiras. "Será bom para os maestros que vêm de fora e não precisarão passar o fim de semana sem atividades, para os ensaios da orquestra e também para o público, que pode acordar mais tarde no sábado e prestigiar com maior frequência nossos concertos", diz Vieira, que andou fazendo o dever de casa para assumir o novo posto. Ele apresentou um projeto à diretora-

executiva da Fundação Cultura, Maria Cristina Leal, intitulado *orquestra para o Povo*, no qual apresenta 10 tipos de concertos que a orquestra pretende fazer nessa temporada.

Concertos — O primeiro deles é levar a orquestra para apresentações em cidades-satélites, que visa formar público (na verdade, muitas vezes funciona como um trabalho de iniciação). Os concertos para a juventude são programados para a Sala Martins Pena do Teatro Nacional e necessitam ônibus para o transporte das crianças. Existirão concertos no entorno e na região Centro-Oeste. Os concertos nobres, às sextas-feiras, na Sala Villa-Lobos. Concertos da camerata (uma formação menor) em bibliotecas públicas, hospitais (INL e Sarah Kubitschek estão certos). Concertos em albergues e reformatórios, comemorativos de datas públicas, informativos (nos quais o público trava diálogo com os músicos da orquestra), nacionais e um concerto (pelo menos) com o Coral Comunitário da UnB.

"Nós concluímos o ano passado com 38 concertos e esse número deve

subir consideravelmente agora", avalla Vieira. Dos 40 solistas que se apresentaram com a orquestra no ano passado, 35 foram brasileiros e Vieira faz questão de enfatizar que todos os instrumentos tiveram a oportunidade de tocar peças solo. "Estamos abertos a todo tipo de orquestra", diz Vieira. "Tocamos um concerto de Bela Bartók para piano e percussão e executamos em primeira audição uma peça de Sergio Nogueira Mendes, professor do departamento de Música da UnB".

César Vieira tem 49 anos e começou a estudar violino aos 14, segundo ele, com a mais famosa violinista desse século no Brasil, Paulina D'Ambrosio. Dois anos depois integrou a orquestra Juvenil do Teatro Municipal, na qual permaneceu por sete anos. Interrompeu a música para terminar medicina (ele é clínico-geral) e veio para Brasília logo depois de se formar. Integrou a orquestra da Escola de Música, que era regida por Levino Alcântara, e se tornou o núcleo da orquestra do Teatro Nacional, para a qual Vieira se dirigiu. "Estou na orquestra desde os primeiros acordes", orgulha-se.